

Dou banho e conforto aos mortos

Carol Banze, 10 abril 2016



A sua actividade passa por fazer a higiene e acomodar os corpos. A força, coragem e o profissionalismo de Isabel Munembe, de 44 anos, desfaz todos os estereótipos à volta do sexo feminino. Longe de ser o sexo frágil, é um exemplo de valentia da mulher na sociedade.

domingo entrevistou-a por ocasião do 7 de Abril e convida o leitor a conhecer a sua estória.

Funcionária da saúde há cerca de 14 anos, Isabel Munembe, natural do Niassa, trabalha na morgue do Hospital Geral José Macamo (HGJM) há três meses. No seu dia-a-dia no trabalho, intermedia a confirmação dos corpos: **“abro a câmara, chamo a família para que faça o reconhecimento”** e, acto subsequente, quando chega a altura do cumprimento do programa do enterro por parte das famílias, **“tiro o corpo, coloco na maca, retiro o lençol e faço a higiene e o conforto. Terminada esta fase, visto-o e, somente nesta circunstância, peço ajuda para a colocação no caixão”**, explica-nos.

Apesar de trabalhar num clima deprimente, Isabel Munembe afirma que estar ligada à saúde foi sempre seu sonho. Antes de ser integrada para lidar com finados, desempenhava a função de auxiliar de enfermagem na maternidade do HGJM. **“Não me imagino noutra área que não seja esta”**, confessa.

Trata-se de uma paixão sem condicionalismos: **“Sinto-me feliz em qualquer sector, inclusive tratando de cadáveres. É isto que escolhi para mim”**.

Diluindo medos e confusões, esta mulher solta o verbo ao afirmar que **“a morgue não é coisa do outro mundo”**. E mais: **“pretendo, neste momento, fazer entender a todas as pessoas que o traço que marca as mulheres como seres fracos, não faz mais sentido. Hoje em dia temos mulheres em vários sectores. Veja-se o trabalho que faço e entenda-se que não peço ajuda de nenhum homem para executa-lo”**, assegura.

INÍCIO ARREPIANTE

Os longos anos de *Saúde* não foram suficientes para poupar Isabel de alguns calafriosnos primeiros dias de trabalho na morgue. **“Foi um pouco difícil, senti um pouco de arrepio, mas depois pensei ‘Saúde é isto mesmo! E é o que escolhi para a minha vida’. Passado pouco tempo habituei-me”**.

De qualquer forma, questionámo-la sobre as suas noites de descanso. Haveria alguma visita indesejada ou seria um sono acobertado pelos anjos. Júlia respondeu disparada: **“Nem uma, nem outra coisa! Durmo tranquilamente. Nunca tive pesadelo decorrente do meu trabalho”**.

É muita paz de espírito e força no braço para transportar corpos de um local para o outro, de tal sorte que afasta qualquer *mimo* vindo de algum colega do sexo masculino. **“Não aceito ajuda, não pingo uma lágrima sequer, pelo contrário, procuro ser firme principalmente para dar força aos infortunados”**, garante-nos.

Mas, com tanto *peso* nas costas a casa de Deus adquiriu uma função importante na vida de Isabel: **“A igreja para mim é o escape. É onde descarrego todos os ares pesados, através da reza. Poderia ser, também, através de actividades físicas, mas não o faço por preguiça”**, confessa esta valente mulher moçambicana aos risos.

<http://www.jornaldomingo.co.mz/index.php/sociedade/7376-dou-banho-e-conforto-aos-mortos>